



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

DISCIPLINA DE METAFÍSICA – RESUMO DAS AULAS

[04/03/2010]

AULA 03: EXPOSITIVA:

I. Conceito, Objeto e Método da Metafísica

2. A Metafísica enquanto Ciência rigorosa: Origens, limites e alcances

MP3

§1

Partimos do ponto de vista segundo o qual a Metafísica é, existe. Mais precisamente, da posição que a concebe como uma Ciência ou, antes, uma Ciência rigorosa ou de rigor.

Tal ponto de vista, hoje minoritário, atém-se ao axioma clássico: *ab esse ad posse valet illatio* [do ser ao possível, a consequência é válida], esse utilizado entre nós por Henrique Cláudio de Lima Vaz (1986, p. 7), para o caso da *Filosofia Cristã*, e mesmo, pode-se dizer, por Christian Wolff (1679-1754), que inclusive o demonstra, entre outros lugares, no § 15 de sua *Metafísica alemã*, isto é, de seus *Pensamentos racionais acerca de Deus, o Mundo e a Alma do Homem, assim como sobre todas as coisas em geral*, os quais foram publicados em 1719 e republicados inúmeras vezes após. De acordo com Wolff (2000, p. 66):

(§ 15) O que existe realmente é possível.

Posto que não possa chegar a existir mais que o que é possível (§ 14), tudo o que existe é também possível, e da existência se pode concluir em todo momento a possibilidade sem vacilação alguma. Se vejo, pois, que algo existe, me é lícito admitir que pode existir e, consequentemente, que não encerra em si nada contraditório (§ 12).

Ora, se isso é verdadeiro, há que se dizer então que *a Metafísica existe, logo pode existir*. Não importa aqui, pelo momento, de que Metafísica em particular se está falando, mas tão somente que há algo denominado Metafísica, o qual, independente de suas determinações é pura e simplesmente aí. Mas o que é esse algo aí denominado Metafísica?



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

§2

A Metafísica é, mas o que ela é? Concebemo-la como uma Ciência, não como uma ciência entre outras e sim como uma *Ciência fundamental, absoluta*, isto é, como a *Ciência sem mais*. *Sem mais*, aqui, significa que ela não é uma ciência de algo determinado, aí, seja este objeto de uma ciência filosófica, isto é, de uma ciência universal, ou de uma ciência particular; respectivamente, como a *Filosofia da Natureza* é uma ciência da natureza e a *Filosofia da Linguagem* uma ciência da linguagem ou a Sociologia é uma ciência da sociedade e a neurologia uma ciência do sistema nervoso.

Discutindo a seu modo acerca desse ponto, Aniceto Molinaro (2002, p. 5) apresenta assim a Ciência aqui em questão:

Ao partirmos para apresentar a metafísica em uma série de lições, começemos por algumas observações. A primeira é que a filosofia em sentido rigoroso é metafísica. A respeito de tudo aquilo que é, dizemos que é. Se analisamos a “coisa”, criamos uma série de ciências, que podem ser dispostas de acordo com a seguinte subdivisão:

- a) As ciências que se ocupam apenas da dimensão chamada “determinação”;
- b) As ciências que estudam a determinação enquanto determinação do ser; temos aí o campo das filosofias que se articulam com o “de”: filosofias do homem, da natureza, da arte, da práxis, da história e assim por diante; são chamadas filosofias no genitivo. Estas filosofias podem ser também chamadas filosofias segundas ou filosofias regionais, por estudarem uma determinada região do ser;
- c) A ciência estuda o “é”, ou seja, o ser da coisa, no sentido de que o ser da coisa não é apenas aquilo pelo qual aquela coisa é, mas é também aquilo pelo qual aquela coisa é aquela coisa (árvore, homem, pedra, etc.); este estudo é a filosofia, que, justamente pelo fato de ser o estudo do ser, identifica-se com a metafísica. Isto significa que as ciências de (a) não se ocupam do ser, mas também as ciências de (b), ou seja, as filosofias no genitivo, se pretendem ser filosofias e se manter como tais, devem ancorar essencialmente na metafísica: à medida que são *filosofia*, elas identificam-se com a metafísica (= conhecimento do ser); por serem *determinadas* filosofias, não podem funcionar a não ser como determinações da metafísica, quer dizer, como reflexões a respeito do ser numa sua determinação. Mas por si mesma e na sua estrutura, a filosofia não pode ser outra coisa (e não poderia ser de outra maneira) senão o *ser na sua verdade*, o ser que se eleva à manifestação da verdade, o que é verdade e expressão.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Essa a primeira observação de Molinaro em torno da Metafísica enquanto ciência. Contudo, apesar de pertinente, na medida em que identifica a Metafísica à chamada Filosofia do Ser, a qual também poderia ser designada Doutrina, Ciência ou Teoria do Ser e, igualmente, Ontologia, tal observação traz em si o signo de sua insuficiência; isso, quando não mal-entendidos, confusões e mesmo contradições de ordem diversa. Atento a isso ele afirma ser mais adequada a denominação “metafísica” do que a denominação “filosofia do ser”, com isso querendo desfazer a possível suspeita de uma distinção entre o ser e o pensamento ou até a de sua separação, assim como “a confusão que faz o ser parecer ser um dos *objetos* do pensamento, um como tantos outros” (MOLINARO, 2002, p. 6). Desse modo, no dizer de Molinaro (Ibid.), completando sua segunda observação:

[...] a metafísica se atém à identidade, que não exclui a distinção entre o ser e a verdade e o discurso sobre a verdade do ser: este discurso chama-se pensamento, filosofia. A verdade pertence por identidade ao ser, e o discurso sobre a verdade do ser lhe pertence justamente com a mesma identidade. A inseparabilidade entre ser e verdade reflete-se na inseparabilidade entre verdade e discurso a respeito da verdade do ser. Sendo este último a filosofia, segue-se que existe a inseparabilidade entre a filosofia e o ser: a filosofia é o ser na expressão da sua verdade. A palavra “metafísica” exprime esta inseparabilidade ou esta identidade. Deste modo é afastado qualquer equívoco capaz de reduzir o ser a objeto da reflexão pensante e da sua expressão, ou seja, a objeto da filosofia.

Esta observação deve ser considerada de modo bastante cuidadoso, em vista disso, parece mais plausível passarmos agora imediatamente à terceira e última observação quanto ao conceito da Metafísica, tematizando-a em seguida juntamente com aquela. Em sua terceira observação, lembrando “as ‘brevíssimas proposições’ nas quais Platão (*Carta VII*, 344d 9) resumia os princípios fundamentais e peremptórios da sua metafísica”, Molinaro (2002, p. 6) assevera de modo igualmente fundacional, peremptório e breve que “o discurso metafísico é discurso essencialmente breve”. Ao que ele justifica conforme o que segue:

Justamente por ser discurso sobre o ser no interior do ser, este discurso não tem outro campo em que mover-se que não o ser. Desenvolve-se pensando e repensando o ser. Por isso exige o máximo de intensidade da reflexão, o máximo do pensamento: o máximo *esforço* e a máxima *paciência* do pensamento.

Embora sábias e extremamente relevantes para o que aqui nos interessam, as observações do ilustre metafísico italiano parecem desprovidas de rigor e mesmo contraditórias, como já



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

lembrado mais acima. Se, de fato, a designação *filosofia do ser* não é adequada, suscitando suspeita e confusão, isso ocorre não necessariamente devido a essa designação e sim ao que ela designa – isto é, o Ser de um lado e o Ente de outro; portanto, não a identidade, mas a diferença dos mesmos entre si – a chamada *diferença ontológica* –, fato consignado na própria linguagem que a Metafísica fez *como* sua em seu itinerário histórico e que muito justamente emergira precisamente da distinção entre o Ser, o Pensar e o Dizer lentamente elaborada desde o nascimento mesmo da Filosofia e a fundação da Metafísica. Diferença essa que, a muito custo, para além da simples identidade imediata, vale dizer, abstrata ou vazia de ser, pensar e dizer, ou de ser e essência, de ente e essência e de ser e ente, emergiu como tema e problema constitutivos da Metafísica e como tais devem ser assumidos por esta, sob pena de, tal como já reconhecido por Hegel (1968, p. 27) a Metafísica ela mesma desaparecer mais uma vez da lista das ciências e como a Ciência absoluta que de fato e de direito ela é. Que a Metafísica tenha de pensar a identidade isso é certo, tal como também o é que ela não possa excluir a diferença; mas que se limite à identidade abstrata, imediata, vazia de ser, pensar e dizer, portanto do Ser e do Ente, sem levar em conta o elemento constitutivo da diferença, pensando-a como o outro da identidade e assim no horizonte da identidade da identidade e da diferença, isso não é certo. Da mesma forma, enfim, um discurso que não leva em conta seu caráter de discurso e, com isso, de diferença, só pode limitar-se a ser breve, limitando-se, pois, à intuição do Ser, não avançando nem na sua tematização nem para além do Ser ele mesmo; o que a diferenciação acima aludida exige de modo o mais enérgico desde a aurora da modernidade.

Ao fim e ao cabo, a não observância desses aspectos faz com que Molinaro (2002, p. 6-8) recaia precisamente na suspeita e na confusão as quais ele pretendia evitar, pois suas definições ou seu conceito preliminar da Metafísica recolocam o problema já identificado por Avicena (980-1037) em torno da ambigüidade da expressão “ser enquanto ser”, ou “ente enquanto ente”, interpretada ao modo tradicional, bem como retoma de forma inadvertida o procedimento ingênuo, em especial o de tipo wolffiano, cujo rigor científico se apresenta pura e simplesmente verbal. Isso porque, finalmente, os momentos do conceito preliminar da Metafísica por ele apresentado – a saber, a Metafísica enquanto: (a) ciência do ente enquanto ente ou do ente enquanto ser, (b) ciência do [do ser como] fundamento do ente,



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

(c) ciência da totalidade do ente visto a partir do ser – não fazem mais que reeditar a metafísica dogmática tradicional tal como estabelecida por Christian Wolff, com a diferença, em relação a este (ver WOLFF, 2000, p. 325-329), de que desconsidera as críticas dirigidas a tal metafísica, sobretudo a crítica kantiana (ver MOLINARO, 2002, p. 38-48). Algo que, de um modo ou de outro, nos interpela a precisar em que sentido a Metafísica é ou pode ser uma Ciência formal e realmente rigorosa ou de rigor.

§3

Do que foi dito acima há que se reconhecer que não basta à Metafísica apresentar-se como uma ciência ou como a Ciência se esta não se mostra formal e realmente rigorosa; o que significa que ela, além de ciência e da ciência absoluta ou sem mais, tem de se legitimar enquanto tais.

Essa legitimação, no entanto, não pode consistir em um procedimento meramente natural ou ingênuo – como ocorre na Metafísica antiga e medieval, aqui considerada enquanto clássica, ou ainda, como é o caso na Metafísica propriamente tradicional, moderna e contemporânea, especificamente a de Christian Wolff e aquelas que de um modo ou de outro nela, direta ou indiretamente, se apóiam –, mas também não pode se ater a um procedimento meramente histórico, como por exemplo, de um lado, ocorre com Aniceto Molinaro (2002) e, de outro, com Vittorio Hösle (1991). Da mesma forma, também não se pode considerar como suficientemente legitimadas as tentativas de cunho fenomenológico levadas a cabo por Johann Gottlieb Fichte a partir de 1794 e por Edmund Husserl em 1911, assim como pelo próprio Hegel quando de sua primeira elaboração madura do *Sistema da Ciência*, concebido a partir da *Fenomenologia do Espírito* de 1807; essas tentativas, em operando um procedimento supostamente mais elevado que o natural ou ingênuo e o histórico, não se situam senão entre ambos, portanto em um lugar intermediário que se limita unicamente a indicar a esfera propriamente metafísica ou lógico-efetiva sem, contudo, avançar de modo conseqüente – não meramente formal ou nos limites das determinações da consciência – até o metafísico ou o lógico-efetivo como tal. Impõe-se assim não a própria



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Metafísica como ciência rigorosa, mas o problema da Metafísica enquanto ciência rigorosa, o qual remonta às concepções e aos paradigmas fundamentais da Metafísica ela mesma.

§4

A legitimação da Metafísica enquanto Ciência e, mais especificamente, enquanto ciência rigorosa implica em se determinar em que *epistème* ela se perfez até aqui ou em que *epistème* ela se perfaz. Isto significa que, embora historicamente a Metafísica não se restrinja a uma única *epistème*, se possa ao menos determinar em que tradição ou em que tradições de pesquisa racional a Metafísica foi ou é assumida como ciência rigorosa.

O uso que aqui se faz do termo 'epistème' (assim como de seu plural, 'epistèmes'), à diferença de 'epistème', embora de certo modo se aproprie do exemplo de Foucault e de sua distinção entre *épistémè* e *épistémé* ([Webster's Online Dictionary](#)), nada tem a ver com a concepção foucaultiana da 'épistémè'. Segundo Foucault, ele entende por 'épistémè':

[...] o conjunto das relações que podem unir, em uma época dada, as práticas discursivas que dão lugar às figuras epistemológicas, às ciências, eventualmente aos sistemas formalizados; o modo segundo o qual, em cada uma destas formações discursivas se situam e se operam as passagens à epistemologização, à cientificidade e à formalização; a repartição desses limiares que podem coincidir, ser subordinados uns aos outros, ou estarem defasados no tempo; as relações laterais que podem existir entre figuras epistemológicas ou ciências, na medida em que se prendam a práticas discursivas vizinhas mas distintas. A *épistémè* não é uma forma de conhecimento ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas ao nível das regularidades discursivas. (FOUCAULT, *L'Archéologie du Savoir*, 1996, p. 249; ed. bras., 1987, p. 217).

Uma *epistème* pode ser considerada em linhas gerais como a *concepção a mais abrangente* que, como tal, determina o modo próprio da investigação científica em um tempo ou em uma época por seu turno especificamente determinados. Isso está de acordo com a concepção de Foucault, mas, à diferença desta, concebemos a



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

epistème como uma doutrina ou como uma teoria cuja estrutura se forma e se conforma *a posteriori* como resultado auto-reflexivo e portanto como o fundamento e a verdade das práticas propriamente epistêmicas assumidas como tais em tal ou tal época. Assim, o único elemento capaz de formar e conformar uma *epistème*, i.é, de apresentar uma forma ou estrutura perfeitamente determinada e suficientemente universal, conseguindo pois abranger todas as formas e estruturas particulares nas quais ela se manifesta, não é senão o Ser mesmo – o conteúdo que em cada caso está em questão –, assim como, de modo mais rigoroso, seu automovimento interior. Neste caso, pode-se falar nos dias de hoje não só de uma *epistème* antigo-medieval e de uma *epistème* moderno-contemporânea, mas também, ainda que tão só em certo sentido, de uma *epistème* propriamente pós-moderna. Essa que, no presente contexto, nada tem a ver com o chamado pensamento pós-metafísico, mas, ao contrário, a partir das instâncias consideradas pós-modernas, assume a própria Metafísica enquanto tal. Consideremos então, ainda que de modo sucinto, cada uma dessas *epistèmes*.

A *epistème* antigo-medieval exprime-se naquilo que Lima Vaz (1994, p. 6) designou como a *Teoria da Informação imediata do ato intelectual pela forma inteligível em ato do ser ou do objeto*, a qual, ainda segundo Lima Vaz (1997, p. 156-157),

levanta necessariamente a questão do *modo de presença do noetón* (inteligível) no *nous* (intelecto), ou seja, postula a existência do *modo intencional* de ser do objeto conhecido como tal, modo que será designado mais tarde, na terminologia escolástica, como *modus cognoscentis*

e, por isso, pode também ser tomada como a teoria da identidade intencional do *nous* e do *noetón*, identidade essa cujo acesso é possível tão somente por intermédio da intuição do inteligível pelo intelecto, seja ela uma intuição intelectual como em Platão, uma simples apreensão ou uma apreensão imediata como em Aristóteles ou, enfim, uma intuição abstrativa como em Tomas de Aquino.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

A *epistème* moderno-contemporânea, por sua vez, exprime-se na *Teoria da Representação do Ser* – agora transformado em *objeto* –, mais especificamente, do “ser objetivo” (*esse objectivum*) ou representado pelo que se poderia chamar “ser subjetivo” (*esse subjectivum*) ou representante; quando, então, segundo Lima Vaz (1997, p. 160), ao invés da informação imediata do ato intelectualivo pela forma em ato do ser, ocorre a “*mediação da espécie ou forma abstrata representativa do objeto (também ela integrada no âmbito da causa formal)*”. Caso em que, ainda segundo Lima Vaz (1994, p. 7), “a representação deixa de ser apenas o sinal formal que reenvia imediatamente ao objeto na sua realidade extramental, para constituir-se em termo imediato, em *id quod* da intenção cognoscitiva”; o que significa que

a representação não é, pois, o que é (id quod) imediatamente conhecido, mas é o meio no qual (medium in quo) o ato do sujeito cognoscente se identifica intencionalmente com o ato do objeto, sendo pois o objeto, conhecido pela sua forma real (e não apenas representada), a causa final do conhecimento (LIMA VAZ, 1997, p. 160).

De um lado, a consequência a mais originária de tal processo consiste na completa ruptura entre a *representação* e o ser, com o que o ato intelectualivo deixa de ser informado imediatamente pela forma em ato do ser (portanto sem a mediação da *representação*) e este, por seu turno, deixa de se manifestar na *representação* que então, formalmente, o assinalaria; o que inverte tal relação, fazendo com que, no dizer de Lima Vaz (*Ibid.*, p. 159), a primazia no regime do conhecimento seja dada à *representação*, “a ela submetendo a face objetiva – o ser – do objeto conhecido”. De outro lado, uma segunda consequência, por seu turno a mais conclusiva, continuando com Lima Vaz (1994, p. 7-8), consiste em que:

A novidade introduzida pela teoria da *representação* na concepção clássica da estrutura e da forma do conhecimento intelectual teve como efeito a supressão, pelo menos virtual, da distinção aristotélica entre conhecimento *teórico*, *prático* e *poiético*. As formas do conhecimento teórico e prático, tendo como objeto respectivamente o ser (*ousía*) e os costumes (*ethos*), passam a ser regidos pelo modelo do conhecimento *poiético*, pois que a *representação*, constituindo-se em termo imediato do conhecimento, oferece-se ao sujeito como campo de possibilidades de referir-se ao objeto pela mediação de um modelo representativo que seja a feitura, o *ergon* do próprio sujeito. Desta sorte, o espaço da



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

representação torna-se o lugar de nascimento de um novo estilo de trabalho teórico que se caracteriza por um fazer o objeto de acordo com os procedimentos operacionais que cabe primeiro ao sujeito definir e estabelecer. No domínio dos antigos conhecimentos teórico e prático, o sujeito passa a estatuir valores e fins de acordo com os critérios axiológicos por ele estabelecidos, sobretudo no atendimento das suas necessidades subjetivas e da sua satisfação, ou ainda opera da direção do vetor metafísico do conhecimento, orientando-o para a imanência do próprio sujeito, ali onde se desenrola a laboriosa produção do objeto, inaugurando assim o primeiro capítulo da chamada metafísica da subjetividade.

Ao fim e ao cabo, a *epistème* pós-moderna, que de certo modo já emergiu entre nós, pois pelo menos já pode ser considerada como tendo seu embrião plenamente nascido, destitui a primazia da representação no regime do conhecimento, substituindo-a pela *comunicação*, essa que passa então paulatinamente a constituir-se como um novo horizonte de sentido do ser e do pensar, assim como do agir e do dizer. Tirando as conseqüências da *epistème* moderna e, ao mesmo tempo, apresentando a seu modo a pós-moderna, Habermas (2004, p. 8-9) resume assim a novíssima *epistème*:

Depois que Frege substituiu a via régia mentalista da análise de sensações, representações e juízos por uma análise semântica das expressões lingüísticas e Wittgenstein radicalizou a virada lingüística numa mudança de paradigma, as questões epistemológicas de Hume e Kant poderiam ter assumido um sentido novo, pragmático. (...). Mas a filosofia lingüística também se manteve fixa à ordem tradicional de explicação. A teoria continua a gozar de um primado sobre a práxis, enquanto a representação goza de um primado sobre a comunicação. (...).

Seguindo de perto as pegadas do platonismo, a filosofia da consciência privilegiara o interior em relação ao exterior, o privado em relação ao público, a imediação da vivência subjetiva em relação à mediação discursiva. A teoria do conhecimento tomara o lugar de uma Filosofia primeira, enquanto a comunicação e o agir caíram na esfera dos fenômenos, ou seja, ficaram com um status derivado. Depois da passagem da filosofia da consciência para a da linguagem, era de supor, não uma reversão dessa hierarquia dos passos da explicação, mas sua nivelção. Pois a linguagem presta-se tanto à comunicação como à representação; e o proferimento lingüístico é, ele mesmo, uma forma de agir que serve ao estabelecimento de relações interpessoais.

Assim, Charles Sanders Peirce já evitou uma redução semanticista e ampliou a relação de dois termos entre proposição e fato, sucedânea da relação entre representação e objeto, para uma relação de três termos. O sinal que se refere a um objeto e exprime um estado de coisas precisa da interpretação de um falante e um ouvinte. Mais tarde, a teoria dos atos de fala, inspirada em Austin, mostrou como, na forma normal do ato de fala (“Mp”), a referência ao mundo e às coisas do componente proposicional se entrelaça com a referência intersubjetiva do componente ilocucionário. Ao estabelecer uma relação intersubjetiva entre falante e ouvinte, o ato de fala está ao mesmo tempo numa relação



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

objetiva com o mundo. Se concebemos “entendimento mútuo” como o telos inerente à linguagem, impõe-se a co-originalidade de representação, comunicação e ação. Uma pessoa entende-se *com* outra *sobre* alguma coisa no mundo. Como representação e como ato comunicativo, o proferimento lingüístico aponta em duas direções ao mesmo tempo: o mundo e o destinatário.

Disso se depreende, se não a substituição da própria modernidade e de sua *epistème*, pelo menos o deslocamento de ambas e a perda de uma prioridade ontológica até então dada à representação e ao sujeito representante. O que, de um modo ou de outro, não configura necessariamente algo como a emergência de um pensamento pós-metafísico que substitua *sem deixar resto* o que então se designaria como pensamento metafísico; sendo inclusive falaciosa certa ligação ou identificação da Metafísica com a Modernidade, como ocorre, por exemplo, no debate entre Habermas e Dieter Henrich em torno do tema da *Metafísica após Kant* (ver HABERMAS, 1990, p. 10-61). Ao contrário disso, pode-se afirmar com alguma segurança e, assim, de modo rigoroso, a emergência de um pensamento que poderia sim ser chamado mais propriamente pós-moderno; o qual, por conseguinte, em vista de seu caráter ainda embrionário, portanto imediato, não apresenta em seu interior – e como a sua própria condição de ser – nada mais senão a oposição do pensamento metafísico e de um suposto pensamento pós-metafísico (pois se configura unicamente em oposição ao pensamento da representação, tomado muito apressadamente como toda a Metafísica), esses que nele convivem, ou podem conviver, lado a lado – mas como extremos de uma relação – na medida em que se distinguem ou podem se distinguir do pensamento em jogo na *epistème* moderno-contemporânea e na *epistème* antigo-medieval, nas quais, respectivamente, se apresentam os dois paradigmas fundamentais da Metafísica até aqui, mas não a Metafísica ela mesma enquanto tal.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

§5

Embora possa identificar-se com um determinado paradigma em especial, uma *epistème* se constitui de diversos paradigmas; por exemplo, na *epistème* antigo-medieval, ainda que o *Paradigma do Ser* se apresente como o mais abrangente do ponto de vista de sua constituição e de seu desenvolvimento histórico-sistemático – sendo inclusive confundido, no caso da *Filosofia primeira*, com a *epistème* antigo-medieval e, especificamente em Metafísica, a saber: *em sentido epistemológico*, com o Paradigma do Sujeito entendido empiricamente pela Metafísica dogmática de Christian Wolff (que interpreta o conceito do *Ser enquanto Ser* pura e simplesmente como *Ser em geral*) e, *em sentido ontológico*, com a interpretação de tal conceito como *Ser necessário e absoluto*, i.é, como o Deus pessoal da tradição cristã, constituindo-se assim sob a forma de uma *Metafísica ontológica* ou de uma *Ontoteologia*.

Essa confusão, infelizmente, resulta na submersão da Metafísica e de seus paradigmas constitutivos no “véu de *maya*” de uma afirmação ou de uma negação pura e simplesmente tradicionais de tradições de pesquisa racional opostas entre si. O que, tanto em um caso quanto em outro, termina por submeter aos paradigmas e *epistèmes* atuais em cada época a Metafísica concebida a partir de paradigmas e *epistèmes* anteriores. Razão pela qual a Metafísica só pode emergir como Ciência rigorosa, de fato e de direito, para além do conflito das tradições de pesquisa nas quais ela se perfaz quando tal conflito puder ser superado ou suprassumido; algo que, de um lado, exige a distinção das *epistèmes* e dos paradigmas que se apresentam à consideração racional e, de outro, a *crítica dos pressupostos* que estão na base de cada uma das *epistèmes* e de cada um dos paradigmas a elas associados, assim como das tradições que os assumem e mantêm, retomam e desenvolvem. Para isso, como afirma MacIntyre (1991, p. 397), ainda que em outro contexto, é necessário que as tradições em jogo se compreendam como rivais e



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

conflitantes, compreendendo pois umas as outras relativamente bem, com o que as mesmas podem se enriquecer significativamente quando buscam fornecer uma representação das posições características das outras. Tal exigência encontra lugar fértil, por incrível e mesmo paradoxal que isso possa parecer, nos quadros da novíssima *epistème*; o que não era o caso nem na clássica ou antigo-medieval, nem na tradicional ou moderno-contemporânea.

§6

Em vista disso, como já acentuava Molinaro (2002, p. 8-9), a Metafísica não só deve ou pode, mas antes tem de se apresentar em sua unidade sistemática e em sua totalidade enquanto *ciência incontrovertível*; isso no sentido de que, ao não deixar que nada subsista além e fora de si, a rigor, nem mesmo o Nada, a Metafísica não pode estar sujeita ao erro, ao desmentido, à falsificação ou à revisão, mas devendo e mesmo tendo de ser retomada e desenvolvida, assumida e mantida segundo tais *epistèmes* e tais paradigmas anteriores, historicamente datados e sistematicamente insuficientes, nos quadros das *epistèmes* e dos paradigmas posteriores.

Em relação a isso, vale aqui registrar, a título de conclusão, o dito de Hegel (1995, p. 55), no § 14 de sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* de 1830, segundo o qual:

O mesmo desenvolvimento do pensar, que é exposto na História da Filosofia, expõe-se na própria Filosofia, mas liberto da exterioridade histórica – *puramente no elemento do pensar*. O pensamento livre e verdadeiro é dentro de si *concreto*, e assim é *Idéia*, e em sua universalidade total é a *Ideia* ou o Absoluto. A ciência que [trata] dele é essencialmente *sistema*, porque o verdadeiro, enquanto concreto, só é enquanto desdobrando-se em si mesmo, e recolhendo-se e mantendo-se junto na unidade – isto é, como *totalidade*; e só pela diferenciação e determinação de suas diferenças pode existir a necessidade delas e a liberdade do todo.

Comentando seu próprio texto, o então filósofo de Berlim acrescenta:



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Um filosofar *sem sistema* não pode ser algo científico; além de que tal filosofar exprime para si, antes, uma mentalidade subjetiva: é contingente segundo seu conteúdo. Um conteúdo só tem sua justificação como momento do todo; mas fora dele, tem uma hipótese não fundada e uma certeza subjetiva. Muitos escritos filosóficos se limitam a exprimir desse modo somente *maneiras de ver e opiniões*. Por sistema entende-se falsamente uma filosofia que tem um princípio limitado, distinto dos outros: ao contrário, é princípio da verdadeira filosofia conter dentro de si todos os outros princípios particulares

Desse modo, em estando correto o que aqui foi dito, há que se reconhecer ao fim e ao cabo que a Metafísica se faz ciência e ciência rigorosa, mais especificamente, a *Ciência* e a *Ciência a mais rigorosa* tão somente quando perfaz em cada época, segundo cada *epistème* e cada paradigma constitutivo desta, a totalidade mesma de suas determinações, situando-se assim, por conseguinte, para além da própria totalidade então perfeita.

§7

Referências:

- FICHTE, J. G. **A Doutrina-da-Ciência de 1794 e outros escritos**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- FOUCAULT, M. **L'Archéologie du Savoir**. Paris: Gallimard, 1996. [1. Ed. 1966).
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 3. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- HABERMAS, J. **Verdade e Justificação**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)**. São Paulo: Loyola, 1995. (3 vols.).
- HEGEL, G. W. F. **Ciência de la Lógica**. Buenos Aires: Solar/Hachette, 1968.
- HÖSLE, V. **Hegel e la fondazione dell'idealismo oggetivo**. Milano: Guerini e Associati, 1991.
- HUSSERL, E. **La filosofia come scienza rigorosa**. Roma, Bari: Laterza, 1994.
- LIMA VAZ, H. C. de. **Escritos de Filosofia III**. Filosofia e Cultura. São Paulo: Loyola, 1997.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 04 de março de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

LIMA VAZ, H. C. de. Sentido e não-sentido na crise da modernidade. In: **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 21, nº. 64, jan-mar, (1994): 5-14.

LIMA VAZ, H. C. de. **Escritos de Filosofia**. Problemas de Fronteira. São Paulo: Loyola, 1986.

MACINTYRE, A. Justiça de quem? Qual Racionalidade? São Paulo: Loyola, 1991.

MOLINARO, A. **Metafísica**. Curso sistemático. São Paulo: Paulus, 2002.

WEBSTER'S ONLINE DICTIONARY. Episteme [verbetes]. URL= <<http://www.websters-dictionary-online.com/definitions/episteme?cx=partner-pub-0939450753529744%3Av0qd01-tdlq&cof=FORID%3A9&ie=UTF-8&q=episteme&sa=Search#922>>. Acessado em março de 2011.

WOLFF, C. **Pensamientos racionales acerca de Dios, el mundo y el alma del hombre, así como sobre todas las cosas en general**. Madrid: Akal, 2000.

FIM DO RESUMO!